



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

O revolucionário ato de desordenar:

a artesanía marginal como herança e inspiração poética

GABRIELA MUTTI PERRUCHO - 150127219

BRASÍLIA

2019

GABRIELA MUTTI PERRUCHO

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito para a habilitação em Bacharelado.

Orientadora Profa. Dra. Andrea Campos de Sá

BRASÍLIA

2019

GABRIELA MUTTI PERRUCHO

**O revolucionário ato de desordenar:
a artesanía marginal como herança e inspiração poética**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Andrea Campos de Sá
Orientadora - Instituto de Artes/ Universidade de Brasília

Prof^a. Me. Dra. Cinara Barbosa de Sousa
Examinadora - Instituto de Artes/ Universidade de Brasília

Prof. Me. Elder Rocha Lima Filho
Examinador - Instituto de Artes/ Universidade de Brasília

Agradecimentos

A lista de agradecimentos é grande, mas acredito que a energia de gratidão é inteligente e tem potência infinita, assim chega ao coração e a memória de todos que me ajudaram a reconhecer a minha capacidade para chegar até aqui.

Agradeço a Deus por ter me colocado no destino da minha mãe, que é meu maior exemplo de carinho, resistência e inspiração, por trabalhar com tanto amor. Agradeço ao meu pai, meu maior exemplo de criatividade e coragem, por toda força de vontade e de realização, por sempre acreditar na minha capacidade de continuar. Agradeço aos meus familiares/antepassados por toda coragem de viver e por todas as relações de afetos que compartilhamos durante essa caminhada, de perto ou espiritualmente, na memória e na imaginação.

Agradeço aos meus amigos, colegas de estágio, colegas de trabalho, que apoiaram de diversas formas a minha caminhada, com carinho e paciência.

Sou grata a todas as professoras e professores com os quais tive a oportunidade de trocar momentos sinceros de inspiração, pela paciência de ensinar e compartilhar. Sou grata a todos os funcionários com que tive contato e sempre compartilharam pelo menos um sorriso comigo na Universidade de Brasília.

Sou grata a Capi, pela orientação e atenção aos detalhes, por todas as referências e inspirações de livros. Guardo as histórias com carinho e agradeço a amizade que floresce cada vez mais.

Sou grata ao professor Elder Rocha pelo recente e breve contato durante as aulas de pintura 2, por toda atenção e indicações de referências que foram pontos chave para o direcionamento das ideias dessa monografia, e mais do que isso, para todo o futuro da minha produção.

Por fim, agradeço a todos os artistas e autores que me inspiram direta ou indiretamente a continuar produzindo e refletindo sobre o “eu” e as relações com o mundo, estimulando a produção e as ideias.

A vida é um presente, sou grata por ver um futuro de inspirações e ações enquanto caminho em direção ao fechamento desse ciclo.

Gabriela Mutti

Resumo:

O revolucionário ato de desordenar: a artesanaria marginal como herança e inspiração poética é a narração de uma parte da história da minha vida que direciona minha poética artística. Encontrei algumas ideias e anotações sobre a produção que fazem um caminho verbal, ainda limitado, sobre o ato de transmutar a energia da matéria-memória de artigos militares rejeitados, a fim de trazer para o presente a matéria e desafiar os infinitos caminhos da memória e da imaginação, estimulando diálogo com esses materiais que possivelmente cairiam no esquecimento.

Os autores Walter Benjamin e Aby Warburg são a base para a apresentação das anotações que refazem as memórias e reflexões sobre a produção poética de cinco séries de trabalhos realizados durante a passagem pela academia, e da exposição de um mapa que cruza os diversos momentos dessa produção, reunindo vestígios de projetos e anotações, dando ao observador a oportunidade de uma leitura histórica não linear, na forma de um labirinto-esquema por meio de imagens.

Palavras chave: artesanaria marginal, artigos militares, geometria sensível, memória, mapa.

LISTA DE IMAGENS

1. **Fig. 1. Vista da exposição: Aby Warburg. Mnemosyne Bilderatlas, Center for Art and Media Karlsruhe, photo: Tobias Wootton.** Fonte:
<https://zkm.de/en/event/2016/09/aby-warburg-mnemosyne-bilderatlas>
2. **Fig. 2 “Estudos para Méritos Perdidos 12”, Gabriela Mutti, 2015.** Imagens do arquivo pessoal.
3. **Fig. 3 “Estudos para Méritos Perdidos 23”, Gabriela Mutti, 2015.** Imagens do arquivo pessoal.
4. **Fig. 4 “Estudos para Méritos Perdidos 35”, Gabriela Mutti, 2015.** Imagens do arquivo pessoal.
5. **Fig. 5 “Pintura V”, Rubem Valentim, 1964.** Fonte:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4917/pintura-v>
6. **Fig. 6 Desconectar para reconectar, edição releitura da obra Pintura V de Rubem Valentim.** Imagem do Arquivo pessoal
7. **Fig. 7 “Bandeiras para um novo mundo” Gabriela Mutti, 2019.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
8. **Fig. 8 “Narrativa III (Frase)” Maria Leontina, 1957.** Fonte:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6156/narrativa-iii-frase>
9. **Fig. 9 “A energia da queda, totalidade” Gabriela Mutti, 2016.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
10. **Fig. 10 “Méritos Perdidos 12” Gabriela Mutti, 2016.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
11. **Fig. 11 “Méritos Perdidos 16” Gabriela Mutti, 2016.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
12. **Fig. 12 “Condecorações Populares, montagem 1” Gabriela Mutti, 2017.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
13. **Fig. 13 “Partidos Brasileiros 15” Gabriela Mutti, 2017.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
14. **Fig. 14 “Partidos Brasileiros 18” Gabriela Mutti, 2017.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
15. **Fig. 15 “Territórios Afetivos” Gabriela Mutti, 2018.** Fonte: imagem do arquivo pessoal
16. **Fig. 16 “Pinturas para peito, 24” Gabriela Mutti, 2019.** Fonte: imagem do arquivo pessoal

SUMÁRIO

1. Introdução: a memória me fez sujeito da história.....	8
2. As relações que nascem da desordem e da montagem	10
3. Transmutar matéria	15
4. Abrir o diálogo e dilatar os significados	21
5. Bibliografia	23
6. Anexos	
Mapa Labirinto Esquema	

1. A memória me fez sujeito da história.

Durante a infância, acompanhei meus pais que trabalhavam como comerciantes e alfaiates em uma loja no Quartel General do Exército de Brasília (QGEx). O acesso ao QG era controlado e eu entrava clandestinamente, escondida dentro do carro, já que a entrada de criança não era permitida. Por um pequeno espaço da janela, conseguia ver jovens fortemente armados, o que tornou essa experiência impactante e também o meu primeiro contato com a “proteção nacional” e toda essa construção de instituições de poder.

A família criou um ambiente de afeto dentro da loja a partir de pequenas ações que estimulavam meu olhar lúdico e ingênuo, aumentando ainda mais o contraste com o ambiente externo. Denize, minha mãe, me oferecia constantemente cadernos, canetas, papéis e revistas para recortar e colar. Eram momentos de distração enquanto as tarefas profissionais e domésticas eram alternadas. Tudo era limitado pelo espaço e por regras, me lembro da frase “eles não podem saber que você está aqui”. Depois de anos essa loja fechou e meus pais seguiram autônomos em busca de novos materiais para trabalhar, dessa vez afastados do QGEx.

O significado dessas memórias veio pelo distanciamento ao entrar na Universidade de Brasília, em 2013, para cursar de Museologia, e após dois anos, em 2015, quando ingressei no curso de Artes Visuais. Durante uma atividade ainda no curso de Museologia, fui questionada sobre a memória da família, momento em que percebi a necessidade de organizar o acúmulo de lembranças, a fim de catalogar o processo de como minha mãe restaurava e preservava os símbolos institucionais militares. Devido a esse cruzamento de afetos, pessoais e coletivos, professores me recomendaram a leitura de obras relacionadas à construção de coleções e suas reflexões poéticas e afetivas, até chegar conhecer os ensaios e anotações do filósofo Walter Benjamin (1892-1940) que me estimularam a pensar a relação do afeto como mote na construção de uma narrativa.

Pensar o tempo presente como um modo de trazer o passado para o limiar do agora, ampliou minha percepção dos objetos, reconhecendo neles o potencial dialético da matéria, o que determinou a forma como os materiais acumulados durante anos foram recuperados.

Em suas pesquisas, Benjamin sugere a ideia de uma temporalidade não linear, de um tempo que migra. Essa ideia está presente nas intervenções que faço, na medida em que deslocar a matéria-memória que guardam em significado a fim de estimular outras leituras no

tempo presente.

Os artigos militares guardados no alto dos armários da casa são pequenas peças, emblemas com cores trocadas, retalhos e fitas diversas saturadas pelo tempo – matéria-memória – responsável por estimular minha mãe a continuar a produzir comendas militares, juntando medalhas sem técnica ou conhecimento prévio. Ela iniciou uma investigação silenciosa para aperfeiçoar a técnica enquanto observava o fluxo de medalhas e seus acabamentos até encontrar uma solução criativa para reformar, unir ou construir essas comendas. Durante anos essa foi e continua a ser a atividade básica de sustento da família, o que transformou o ambiente doméstico em ateliê improvisado.

Existe todo um sistema de empresas, de fornecedores, rede de contatos, criados pelo sistema do Exército, mas minha mãe seguiu a margem desse sistema depois que a loja fechou, mantendo sua produção e recebendo elogios devido a realização cuidadosa do trabalho. Nasceu uma rede de contatos nutrida pelo afeto e, paralelamente, eu ganhei uma rede de fornecedores de matéria desgastada, dos vestígios de técnicas de grandes empresas que trabalham diretamente com o fornecimento para os oficiais. A troca de técnicas dentro dessa rede é intensa, pois a encomenda dos trabalhos vem de todos os lugares do mundo.

Na beira da mesa de trabalho de minha mãe aprendi a soldar, a alinhar tecido, juntar medalhas, aproveitar e revitalizar metais. Esse apreço pela matéria e pela produção ganhou uma força mágica quando ela declarou: “essa é a única herança que posso deixar para você”.

Começamos a compartilhar as experimentações e a passar horas abrindo as medalhas e investigando com especial atenção sua produção. Começamos a coletar todos os pedacinhos de fitas, das mais sofisticadas às mais puídas, com o objetivo de catalogar as referências de cor e de manter ordem heráldica. O estímulo da coleta dos restos me tornou uma espécie de colecionadora Benjaminiana devido ao prazer de possuir, organizar e encontrar um universo dentro das caixas e sacos com uma enorme diversidade de fitas, de composições de cores.

A “fábrica doméstica” criou um ciclo de entrada e reaproveitamento de matéria até que elas retornassem ao ciclo das instituições. A organização linear é importante para uma produção com rígidas regras próprias do Exército, regras, que, por vezes, não condizem com o caótico ambiente doméstico.

Todo material acumulado, de lixo empoeirado, me estimulavam a elaborar pinturas, desenhos e objetos. A partir da convivência com colegas e professores no ambiente acadêmico, tracei um novo caminho, momento em que os materiais guiaram as produções

artísticas pelo seu potencial poético e simbólico.

2. As relações que nascem da desordem e da montagem

Nasceu no peito a urgência de aplicar as técnicas de preservar/experimentar desenvolvidas pela minha mãe, a partir dos desafios postos pela restauração e confecção das comendas. Os restos dos materiais recolhidos na mesa de trabalho foram aos poucos transformados em registros, com os quais visualizei várias composições cromáticas, mapas e pranchas que me remeteram ao Atlas Mnemosyne de Aby Warburg (1866–1929), na medida em passavam por transformações, montagens e remontagens que recusam à linearidade dos acontecimentos e as regras da heráldica. O afeto despertado pela desordem resulta em anotações, registros de sentimentos, bandeiras de lugares ainda não existentes, anúncio de um novo mundo.



Fig. 1. Vista da exposição: Aby Warburg. Mnemosyne Bilderatlas, Center for Art and Media Karlsruhe, photo: Tobias Wootton. Fonte: <https://zkm.de/en/event/2016/09/aby-warburg-mnemosyne-bilderatlas>

Warburg apresenta em seus textos ideias acerca das imagens em trânsito, relações de figuras consagradas da história da arte presentes em uma espécie de “memória coletiva oficial”, e as coloca em contraste com imagens publicitárias, comuns ao cotidiano dos desejos rápidos, que chegavam por diversos caminhos da vida. As histórias que giram em torno de

diversas montagens do *Atlas Mnemosyne*, inspiram a produção e coleta de vestígios do caminho, dando outro significado para tudo o que chama a minha atenção.

Durante as aulas de Pintura 2, no último semestre – 2019/1 –, tive a oportunidade de mostrar ao professor Elder Rocha as antigas colagens da série “Estudos para Méritos Perdidos” e relatar a origem de sua produção. Em um salto, o professor conectou os vestígios das fitas utilizado no trabalho ao *Atlas Mnemosyne*, o que reativou minha memória dos escritos do autor, com os quais refleti sobre o processo de construção da minha obra poética a partir dos restos dos materiais descartados no passado.



Fig. 2 “Estudos para Méritos Perdidos 12”, Gabriela Mutti, 2015. Imagens do arquivo pessoal.

Fig. 3 “Estudos para Méritos Perdidos 23”, Gabriela Mutti, 2015. Imagens do arquivo pessoal.

Fig. 4 “Estudos para Méritos Perdidos 35”, Gabriela Mutti, 2015. Imagens do arquivo pessoal.

A partir do distanciamento, percebi a característica da desordem em todas as séries. Todavia, uma desordem visual de composição direcionada, com escolhas objetivas, que buscam relações impensadas a partir do desgaste ou do defeito da matéria-memória.

A partir da percepção da plasticidade dos materiais deslocados de um contexto cheio de regras, definições e a vontade de uni-los em desordem, surgiu a reflexão sobre os tesouros, os arquivos e as regras institucionais do exército, no âmbito de um pensamento crítico sobre o Brasil. A pesquisa surge como uma forma de transgredir silenciosamente e reaver um processo de desenvolvimento simbólico e de comunicação potente a partir de signos pré-estabelecidos, onde existe um trânsito de valores entre a instituição militar e o

experimento afetivo e desprezioso da combinação a partir do deslocamento desses materiais. O processo de colagem surge da urgência de empreender alguma organização das fitas embrulhadas no lixo. Feitas com carinho e cuidado e coladas sobre um suporte – papel ou veludo – os pedaços de fitas com tramas desfeitas, abrem espaço para linhas e nós de diferentes cores.

A similaridade com outros artistas e movimentos ficou cada vez mais evidente com elaboração das séries a partir dessa desordem. As composições geométricas das pinturas, esculturas e serigrafias de Rubem Valentim (1922 - 1991) trouxeram uma profusão de conexões. Assim, as obras de Valentim entraram no meu inconsciente e afetaram a poética das composições, agora transformadas em sigilos mágicos. A seguir apresento o exercício de composição que fiz durante a pesquisa desses símbolos.

A partir da obra de Valentim, “Pintura V” de 1964, comecei o processo de desmembrar os elementos da composição. O hábito de observar e separar me fez enxergar a semelhança dos fragmentos de imagem com o formato das comendas militares e de algumas miniaturas de pinturas feitas os longos dos anos.

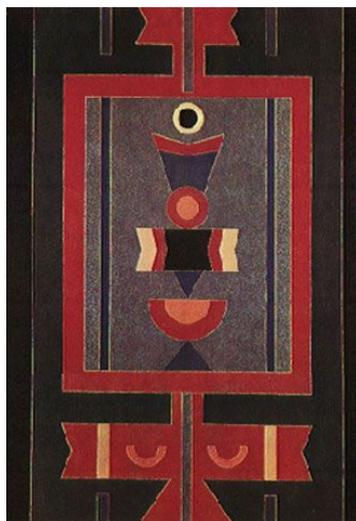


Fig. 5 “Pintura V”, Rubem Valentim, 1964.

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4917/pintura-v>

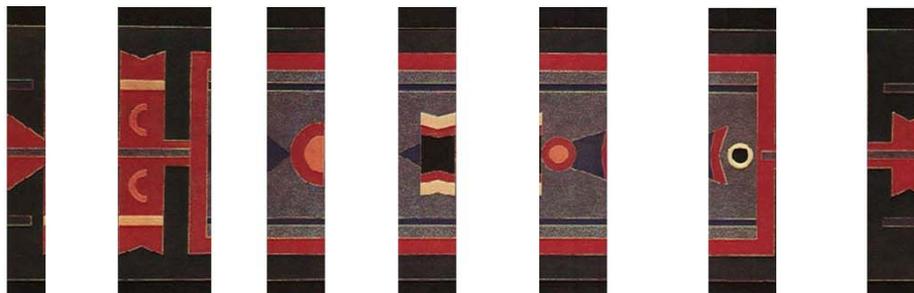


Fig. 6 Desconectar para reconectar, edição releitura da obra Pintura V de Rubem Valentim.

Imagem do Arquivo pessoal

Quando os elementos encontram-se separados nasce a possibilidade de uma nova criação, de novos diálogos. A seguir apresento uma organização de símbolos pintados em guache, denominados “Bandeiras para um novo mundo”, ativados pela observação das produções de Valentim.



Fig. 7 “Bandeiras para um novo mundo” Gabriela Mutti, 2019.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

Outros processos de composição cruzam os métodos de produção com a história da pintora brasileira Maria Leontina (1917 - 1984), onde seus arranjos, oriundos de uma dissolução de composições figurativas, trás em suas cores e formas abstratas, um cuidado na manufatura minuciosa, que me remetem a ritmos visuais urbanos. Suas composições surgem a partir da observação de uma geometria sensível.

A pintura “A energia da queda, totalidade”, produzida em 2019, propõe um diálogo com obra denominada “Narrativa III (Frase)”, de 1957, de Leontina. As formas geométricas, associadas a uma narrativa evocada pelo nome da obra, nos estimula a pensar nas relações

semânticas entre forma e palavra, potencializando a geometria com a linguagem verbal. A outra pintura que trouxe, com distanciamento, me faz perceber semelhanças de composição e anseio pela organização de uma ideia, semelhante aos esquemas de Maria Leontina.

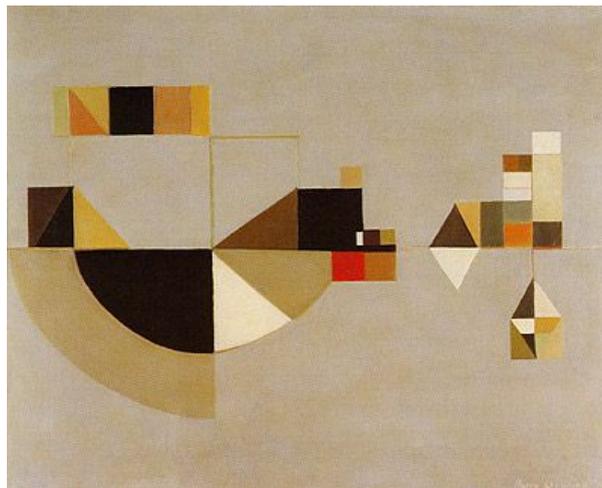


Fig. 8 “Narrativa III (Frase)” Maria Leontina, 1957.

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6156/narrativa-iii-frase>



Fig. 9 “A energia da queda, totalidade” Gabriela Mutti, 2016.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

Alfredo Volpi (1896 - 1988) e sua leitura de paisagens que tendem para uma

abstração também gradual aludem uma profusão de símbolos escondidos, assim como sugerem as pinturas de Valentim. Ambos os artistas me estimularam a investigar os movimentos artísticos brasileiros, tais com; o Modernismo, o Abstracionismo, Neoconcretismo e a Arte Conceitual. A observação da produção desses artistas é constante e decisiva no processo de reconhecimento do potencial dos materiais disponíveis.

As séries apresentadas em seguida são fruto de reflexões e tentativas de reconciliar alguns paradoxos entre a Matéria e a Memória, além de propor maneiras de criar a partir de símbolos pré-estabelecidos a fim de expandir seus significados e sugerir outras narrativas.

3. Transmutar matéria

Ao produzir essas composições marginais, transgredindo a ordem dos símbolos e cores das fitas, renomeando medalhas e fazendo jogos de palavras com a heráldica, questiono posições e privilégios cívicos e políticos que representam a divisão de classes na sociedade contemporânea. Essa situação está diretamente relacionada à matéria que compõe os objetos.

Observar a produção do trabalho minucioso da minha mãe, ouvir suas recomendações rígidas sobre acabamento e restauro dos materiais diz respeito à especificidade dos artigos militares e de sua destinação, logo, pesquisar as características de cada material, testar suas propriedades são etapas importantes para o aperfeiçoamento das técnicas de produção. Devido a essas experimentações, tingir, cortar, emendar e lavar fitas, bem como testar metais e produtos são fundamentais para garantir a qualidade do objeto produzido. Nesse sentido, toda a experiência relativa às propriedades plásticas dos materiais foi indispensável para o reconhecimento do potencial expressivo do material de trabalho.

As anotações mais sintéticas dessas relações estão presentes nas séries “Estudos para Méritos Perdidos” e “Méritos Perdidos”, que representaram o resultado da pesquisa dos materiais na construção das composições visuais.

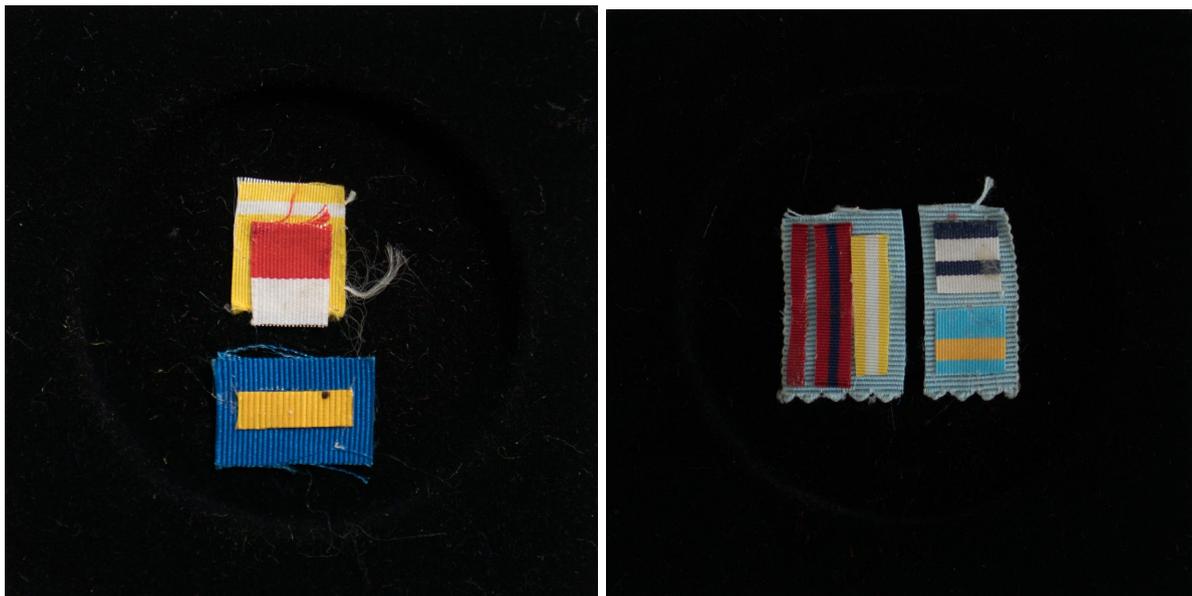


Fig. 10 “Méritos Perdidos 12” Gabriela Mutti, 2016.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

Fig. 11 “Méritos Perdidos 16” Gabriela Mutti, 2016.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

O ato de recortar as fitas, usar seu avesso, apresentar as manchas e cores puídas das honras e méritos e colocá-las sobre um veludo preto para ser expostas como obra de arte é atribuir aura a esse material. Todavia, uma aura diferente daquela relacionada aos objetos pertencentes ao tesouro nacional das grandes instituições de poder e da história social e política do Brasil.

O afeto pela coleta de materiais é levado à luz quando começo a separação minuciosa do emaranhado de cores e texturas de fitas para compor a imagem. Logo percebo que não é preciso muita busca, que as combinações saem quase prontas do emaranhado de fitas. Sendo assim, as séries se diferenciam pelo modo de construção, pela pesquisa do tipo de material utilizado. Em outras palavras, as condições plásticas do material direcionam a elaboração poética e induzem ao questionamento acerca do limiar das linguagens artísticas, entre a pintura, a colagem e o objeto.

A simbologia presente nas comendas militares foi outra importante questão discutida com minha mãe. Ela dizia não ter tempo para investigar o exato significado simbólico dos materiais que produzia. Isso me levou a ideia de ressignificar aqueles símbolos de méritos de bravura, entre outros, tendo em mente a condecoração de pessoas comuns.

Pensei nas conquistas da minha mãe, em toda sua luta e todos os sonhos que ela não

realizou para dar suporte à família, e logo essa ideia me levou pensar nas gerações de mulheres da família que não conheci, mas que são responsáveis por eu estar aqui. Logo, a memória desse antepassado, mesmo que seja ao nível celular, também está presente nessa busca poética.

As homenagens prestadas às pessoas comuns se materializaram inicialmente em pequenas pinturas a guache em formato retangular, mas se expandiu com a descoberta de mais materiais de descarte, quando encontrei sacos de retalho de vinil de cores diversas nos armários da casa, de tamanhos e formas diferentes, além de ripas de madeira, que após a limpeza e restauro, foram cortados um a um, em cinquenta partes de 21 x 5 cm, revestidas com os retalhos de vinil.

A série nomeada “Condecorações Populares” faz referência às cerimônias de condecoração ao cidadão comum, ao mesmo tempo em que propõe pôr em questão todo o sistema de valores institucionalizados, bem como o poder dos agentes que concedem. A produção dessas honrarias populares conectou-se de imediato a forma das comendas institucionais. Nessa série, busco um ato de reconhecimento em escala pessoal e afetiva, a única forma capaz de validar meu julgamento, aquele que prescindir de qualquer ato de bravura para merecê-lo.



Fig. 12 “Condecorações Populares, montagem 1” Gabriela Mutti, 2017.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

Ao buscar o conhecimento das 50 gerações homenageadas, muitas estórias de familiares foram lembradas, inclusive a que conta a “retirada do mato” da bisavó indígena que teve sua família renomeada de Jesus do Nascimento (filhos de Jesus desde o nascimento, um traço nítido do avanço da catequização dos indígenas por todo território brasileiro). Veio à tona também, a estória da avó costureira inventiva que teve 10 filhos, além de tantas outras que são memórias misturadas à imaginação e intuição. As composições sigilosas produzidas em agradecimento aos passos dados por familiares fortalecem o ato de reconhecimento das relações que migram entre diversos momentos do passado e do presente.

Ao encontrar essas estórias, percebo novos pontos de vista sobre a cultura popular brasileira, o que faz o afeto pessoal se expandir a um escala nacional, onde os méritos cotidianos são constantemente marginalizados e a luta pela sobrevivência e pela transformação da qualidade de vida é urgente.

A série “Partidos Brasileiros” é composta por peças de metal disposto sobre um suporte revestido de veludo com relevo em formato triangular. O mapa faz referência ao território do Brasil e carrega recorte feito com uma serra afiada e precisa. Esses recortes criam fissuras, aberturas, evocam desenhos de canais, cujos cortes lembram as linhas históricas da divisão do território brasileiro, divisões políticas, econômicas e sociais, demarcação de zonas climáticas e hidrográficas.



Fig. 13 “Partidos Brasileiros 15” Gabriela Mutti, 2017.

Fonte: imagem do arquivo pessoal



Fig. 14 “Partidos Brasileiros 18” Gabriela Mutti, 2017.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

Os cortes têm suas linhas próximas a cursos de rios onde a água abre espaço – uma erosão. O fundo vermelho em baixo-relevo apresenta a ponta de um triângulo, incisiva. A ruptura e a cor vermelha sugere uma partição, uma marginalização das necessidades e direitos humanos perante os avanços industriais e comerciais.

O Brasil sofre com demarcações e divisões de terra e a desvalorização da cultura, um processo violento e invasivo que continua gerando muitas guerras e perdas difíceis de mensurar, visto que silenciadas. São corpos no meio do caminho, animais, florestas, plantas medicinais, tecnologias... Tudo engolido por um o processo de avanço sem afeto, sem compaixão ou misericórdia.

O vermelho é o sangue que escorre dos corpos brasileiros, principalmente os dos indígenas, ribeirinhos, caboclos e semeadores. Corpos à margem, que caem sobre a terra. A ruptura do mapa alude, também, à quebra do ideal de um Brasil cujo o ouro, e tudo que é comercialmente valioso, é transformado em prol do progresso e da ganância humana. Cerrar todos esses mapas foi uma forma de pôr em evidência o paradoxo que reside no entendimento do termo progresso nacional.

A série “Territórios Afetivos” é fruto de todo o aprendizado das experiências anteriores. A matéria foi escolhida de forma mais consciente e as relações nasceram naturalmente entre os tecidos da alfaiataria dos uniformes militares e as comendas levadas ao peito. É uma junção desses signos têxteis coloridos sobrepostos, onde os materiais utilizados: retalhos de tecidos de uniforme, bastidores de bordados e fitas desgastadas compõem selos mágicos que habitam peitos imaginários de oficiais de diversas escalas de poderes opressores.



Fig. 15 “Territórios Afetivos” Gabriela Mutti, 2018.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

No contexto social, as bandeiras representam signos de uma nação ou de qualquer corporação. A série “Territórios Afetivos”, no entanto, propõe uma reflexão sobre os signos da pátria, um significado além daqueles estabelecidos. Os tecidos são oriundos da antiga alfaiataria da família. As fitas utilizadas para compor as bandeiras são fitas exauridas das honrarias de comendas militares, matéria-resíduo-da-memória cívica de um poder perdido e reapropriado pela artesanaria marginal.

A última série apresentada aqui, “Pinturas para peito”, é a síntese desse processo de transmutação de matéria. Por trazer à luz à imagem mais simbólica do artigo militar, a comenda que o oficial leva no peito remete à sua história e honra. Ao reproduzir os métodos de confecção das medalhas, faço pequenas alterações: escolho fitas e tecidos puídos para o revestimento das bases, seleciono os metais mais danificados, descumprindo, assim, o protocolo básico para a utilização dos méritos no peito. Presos ao peito, essas pinturas questionam esse símbolo característica do exército.



Fig. 16 “Pinturas para peito, 24” Gabriela Mutti, 2019.

Fonte: imagem do arquivo pessoal

A revolução segue de forma silenciosa, até que a série é nomeada como uma pintura, utilizando a base que recebe a composição como dispositivo de exposição, presa ao peito, trazendo outros significados e questionamentos para essa matéria de visualidade característica do exército.

Desorganizar esses símbolos representa a busca por direcionar esses materiais exauridos para um contexto de questionamento, de exposição que estimula o diálogo, onde esses processos de esgotamento literais a matéria e metafóricos a representatividade de seus significados atribuídos inicialmente podem ser levados a um debate.

4. Abrir o diálogo e dilatar os significados

A reunião dessas séries criou um acúmulo de matérias no meu espaço doméstico. Como modo de organizar o processo criativo, desenvolvi uma espécie de montagem, aqui nomeada de prancha labirinto-esquema, na qual disponho alguns registros da produção poéticas, tendo como base o Atlas Mnemosyne de Warburg.

Em 2019, tive a oportunidade de expor todas essas séries em diversos espaços expositivos, o que me possibilitou o acesso a questões suscitadas pelo trabalho que só poderiam ser postas em um ambiente de exposição por meio da mediação. Percebi a urgência de abrir o diálogo para atribuir à obra outros significados além daquele por mim proposto.

Independente da familiaridade ou não com o material, as obras e suas imagens

provocam com o inconsciente, trazendo ideias diversas sobre esse contexto de produção. Nesse sentido, as obras são grandes mapas abertos, sentimentos a espera de olhos atentos para uma leitura que desordene uma dada narrativa.

Algumas obras seguem em exposições, outras foram para coleções privadas, mas aproveito esse momento de conclusão de curso para apresentar esse atlas aberto e suas diversas temáticas, em constante reorganização.

Esse texto é uma forma de ler essa composição e absorver de forma multidimensional as diversas nuances de inspiração que podem surgir desse contexto. Os signos precisam de nós para significar. O mapa labirinto-esquema propõe outras e futuras leituras.

BIBLIOGRAFIA

ALFREDO, Volpi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>>. Acesso em: 12 de Mar. 2019. Verbetes da Enciclopédia.

_____. Escritos de Artistas: Anos 60/ e 70/ seleção e comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim; [Tradução Pedro Süsskind...et al.]. - Rio de Janeiro. Zahar, 2006.

BENJAMIN, Walter. Arte e Experiência / [organização Luiz Sérgio de Oliveira, Martha D'Angelo]. - Rio de Janeiro: Nau, Niterói, RJ.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, HABERMAS, HORKHEIMER, ADORNO. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1983.

BENJAMIN, Walter. Sobre arte, técnica, linguagem e política. Traduções de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Prefácio de T. W. Adorno. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994.

CORBUSIER, Le. A Viagem do Oriente, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Editora Con- texto, 2013.

FREIRE, Cristina. Arte conceitual, Editora Jorge Zahar Editor Ltda/ Rio de Janeiro, 2006.

GOMBRICH, Ernst Hans; **FRITZ**, Saxl. Aby Warburg : une biographie intellectuelle. Suivie d'une étude sur l'histoire de la bibliothèque de Warburg. Paris: Klincksieck, 2015.

JUNG, Carl G..O homem e seus símbolos; Tradução Maria Lúcia Pinho. - 3.ed. especial - Rio de Janeiro ; HarperCollins Brasil, 2006.

OITICICA, Hélio .Aspiro ao grande labirinto. São Paulo: Rocco , 1986.

WARBURG, Aby. História de fantasmas para gente grande. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2015.

FONTES DAS IMAGENS

PINTURA V. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4917/pintura-v>>. Acesso em: 12 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

NARRATIVA III (Frase). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6156/narrativa-iii-frase>>. Acesso em: 12 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7